



# Opinião Econômica

Solange Srour

Economista-chefe do  
Credit Suisse Brasil



## Estamos diante de um novo regime inflacionário?

Estabelecidas em ambiente global diferente, talvez metas de inflação sejam baixas demais

Cinco anos após a pandemia, é inegável que os bancos centrais foram bem-sucedidos em reduzir o forte avanço da inflação sem gerar um aumento significativo do desemprego na maior parte das economias. No entanto, em muitas delas, a inflação continua persistentemente elevada e, mesmo diante de um período prolongado de juros reais altos, não há sinais de que retornará às metas. Da mesma forma, as expectativas inflacionárias seguem acima dos níveis históricos, mesmo para horizontes mais longos.

Certamente, as políticas da administração Trump, especialmente em relação às tarifas, podem estar distorcendo as expectativas de inflação nos Estados Unidos. Contudo, independente-

mente do grau de agressividade dessas medidas, o conjunto mais amplo de ações do novo governo e seus impactos sobre o resto do mundo tendem a intensificar fatores estruturais que já dificultavam um retorno à inflação baixa e estável da última década.

Um dos fatores mais relevantes para esse novo regime inflacionário é a mudança no equilíbrio global entre oferta e demanda. Durante décadas, a globalização ajudou a conter a inflação ao permitir que países desenvolvidos importassem bens baratos de economias emergentes. Agora, o aumento do protecionismo e dos riscos geopolíticos acelera a reconfiguração das cadeias produtivas, pressionando os custos.

Outro fator inflacionário é o

envelhecimento populacional nos países desenvolvidos, que reduz a força de trabalho disponível e pressiona os salários. A prometida redução da imigração nos EUA, que já reverbera no ambiente político europeu, agrava esse problema, ao mesmo tempo em que a China enfrenta uma crise demográfica, com três anos consecutivos de declínio populacional.

Simultaneamente, a transição para uma economia de baixo carbono, embora essencial, gera custos elevados no curto prazo. Eventos climáticos extremos têm causado choques de oferta, elevando os preços de commodities agrícolas e energéticas. Mesmo que Trump tente frear essa agenda nos EUA, trata-se de um processo inexorável, impulsionado


por pressões regulatórias e compromissos internacionais.

Outro fator fundamental que sustenta uma inflação mais alta é a persistência das políticas fiscais expansionistas no pós-pandemia. Agora, um dos maiores efeitos colaterais da nova dinâmica geopolítica impulsionada por Trump deve ser o aumento dos gastos com defesa, além da crescente necessidade de investimentos em saúde, previdência e transição energética. Uma mudança histórica veio da Alemanha: abandonou o tradicional conservadorismo fiscal, revisando o limite constitucional de endividamento do país.

Não menos relevante foi o papel dos próprios bancos centrais na construção desse novo cenário. Mesmo diante de uma rápida


recuperação da atividade econômica, muitos decidiram manter juros extremamente baixos por um período prolongado, sob o diagnóstico de que a inflação elevada seria temporária e decorrente de choques de oferta.


Diante deste contexto, surge uma questão central: os bancos centrais realmente terão disposição para perseguir suas metas de inflação, já que o custo dessa estratégia pode ser a instabilidade financeira e o risco de recessão? Ou aceitarão que as metas, estabelecidas em um ambiente global diferente talvez sejam baixas demais? A resposta a essas perguntas determinará, além da trajetória inflacionária global, a possibilidade -ou não- de um retorno à estabilidade da última década.



**BANRICOMPRAS E VERO**  
**A DUPLA**  
**IMBATÍVEL**  
PRO SEU NEGÓCIO VENDER MAIS.

Pra quem compra,  
é sem juros.  
Pra quem vende,  
é a menor taxa do mercado.  
E tem muito mais:





## Com cerca de 400 expositores, 48ª Fimec atrai mais de 20 mil visitantes em Novo Hamburgo

### / EVENTO

Fabrine Bartz, de Novo Hamburgo  
fabrineb@jcrs.com.br

Unindo a expertise na área calçadista, inovação e sustentabilidade, a 48ª Fimec (Feira Internacional de Couros, Produtos Químicos, Componentes, Máquinas e Equipamentos para Calçados e Curtumes) encerrou nesta quinta-feira. Em três dias de evento, a feira reuniu cerca de 400 expositores e representantes de diferentes empresas nos pavilhões da Fenac, em Novo Hamburgo, no Vale dos Sinos.

O evento superou a expectativa de 20 mil visitantes, contabilizando 22 mil pessoas, segundo a organização da feira. “Essa foi uma grande Fimec. Essa quarta-feira foi o melhor dia que já tivemos. O que precisamos é que estandes cheios”, destaca diretor-presidente da Fenac, promotora da Fimec, Márcio Jung. Ainda de acordo com ele, a presença da indústria local é massiva. “O

empresário gaúcho compreende que não é necessário viajar o mundo para chegar em algum lugar porque o mundo vem até ele”, complementa.

Com o tema “Onde Sustentabilidade, Negócios e Relacionamento se Encontram” empresas de 25 países colocaram seus produtos nos corredores da exposição. Entre os destaques, a participação de empresas chinesas.

“O que está acontecendo na Fimec, em relação à China, não é específico, já acontece com outros setores da indústria”, avalia o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos (Abrameq), André da Rocha.

O evento reuniu a cadeia produtiva do setor coureiro-calçadista, a partir da exibição de inovações, tecnologias e tendências em couros, produtos químicos, componentes, máquinas e equipamentos. Em sua fala, na coletiva de encerramento, o presidente executivo do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), José



Último dia da tradicional feira calçadista registrou intenso movimento

Fernando Bello, destacou a participação “intensa” do setor de couro, considerando que apenas 20% do produto fica no mercado interno. “Estamos buscando reforço do governo federal para ampliar a utilização do couro”, reforça.

A edição deste ano também contou com linhas de crédito direcionadas. “Alguns bancos fizeram linhas específicas para a Fimec. Agora, temos que potencializar o

pré-para a próxima edição”, explicou Rocha. Outro ponto em destaque, trata-se da Fábrica Conceito, que demonstra a produção de calçados e bolsas em tempo real. A fábrica, localizada no térreo, conta com diferentes tipos de demonstrações, incluindo a produção de chuteiras realizada por estudantes do Senai.

O projeto tem a participação de 60 colaboradores, a maioria

profissionais contratados do mercado de trabalho. Durante os três dias de operação, foram desenvolvidos 2.750 pares de calçados das marcas Piccadilly (900), Novopé (450), Marluvas (600) e CFP Senai (800), além de 120 bolsas das marcas Arezzo e Schutz. O projeto também apresenta diversas inovações, demonstrando ao público visitante o potencial tecnológico e sustentável da indústria de insumos, máquinas e equipamentos.

A China esteve presente tanto direta quanto indiretamente, por meio de iniciativas desenvolvidas em empresas gaúchas, como é o caso da transferência de tecnologia feita pela FCC, de Campo Bom. Na 48ª Fimec, a empresa lançou a produção local do ETPU (poliuretano termoplástico expandido).

Conforme a explicação do CEO, Marcelo Reichert, trata-se de um material com “bolinhas de gás” que tornam o calçado leve e macio e “com uma excelente memória, que devolve o formato”.

A 49ª edição está prevista entre os dias 3 e 5 de março de 2026.